

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO

Bruna de Bragas Freitas

**BEM GAÚCHA: REPRESENTAÇÕES DO PROTAGONISMO
FEMININO NA 13ª REGIÃO TRADICIONALISTA**

Santa Maria, RS
2021

Bruna de Bragas Freitas

**BEM GAÚCHA: REPRESENTAÇÕES DO PROTAGONISMO FEMININO NA 13ª
REGIÃO TRADICIONALISTA**

Artigo de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós Graduação em Estudos de Gênero, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Especialista em Estudos de Gênero**.

Aprovado em 29 de janeiro de 2021:

Carlise Porto Schneider Rudnicki, Dr^a. (UFSM)
(Presidente/Orientadora)

Gustavo de Oliveira Duarte, Dr. (UFSM)

Camila Marques, Dr^a. (UFSM)

Santa Maria, RS
2021

BEM GAÚCHA: REPRESENTAÇÕES DO PROTAGONISMO FEMININO NA 13ª REGIÃO TRADICIONALISTA

VERY “GAÚCHA”: REPRESENTATIONS OF FEMALE PROTAGONISM IN THE 13TH TRADITIONALIST REGION.

Bruna de Bragas Freitas¹, Carlise Porto Schneider Rudnicki²

RESUMO:

O presente trabalho tem como objetivo identificar e mapear mulheres que são protagonistas na 13ª Região Tradicionalista, verificando, assim, circunstâncias de subjugamentos do papel feminino neste espaço bem como a importância de inseri-las como sujeitos e entender suas percepções acerca dessa inclusão. As narrativas histórico-culturais do Rio Grande do Sul e a visão estereotipada de poder não consideram as representações da estrutura social que a mulher condiciona. Este contexto foi o mote para reflexões de gênero fundamentadas na cultura gaúcha, buscando atender e/ou entender as demandas singulares dessas tradicionalistas. Optou-se pela pesquisa qualitativa, que se estabeleceu a partir de dois instrumentos: o questionário semiestruturado, que foi aplicado através da plataforma Google Forms, e a técnica de associação livre de palavras, ambos complementando a metodologia escolhida, a Representação Social. Analisando os relatos, as mulheres transparecem trajetórias de vida particulares e distintas e apontaram as estratégias formadas para passar pelas dificuldades encontradas e serem protagonistas em suas funções. Houveram incidências de formação acadêmica, propriedades de competências que foram referidas para a melhor execução do cargo e atribuídas como importante fator para alicerçamento e reconhecimento. Além disso, percebemos que as tradicionalistas identificam o patriarcado enraizado no tradicionalismo e lutam para combatê-lo, buscando a igualdade de gênero nesse contexto sociocultural.

Palavras-chave: Mulher; Gênero; Tradicionalismo; Representação.

ABSTRACT:

This work aims to identify and map women who are protagonists in the 13th Traditionalist Region, thus verifying circumstances of subjugation of the female role in this space as well as the importance of inserting them as subjects and understanding their perceptions about this inclusion. The historical and cultural narratives of Rio Grande do Sul and the stereotyped view of power do not consider the representations of the social structure that women condition. This context was the motto for gender reflections based on the gaucho culture, seeking to meet and / or understand the unique demands of these traditionalists. We chose for qualitative research, which was established based on two instruments: the semi-structured questionnaire, which was applied through the Google Forms platform, and the free word association technique, both complementing the chosen methodology, Social Representation. Analyzing the reports, women show particular and distinct life trajectories and pointed out the strategies formed to overcome the difficulties encountered and be protagonists in their functions. There were incidences of academic training, competence properties that were referred to for the better execution of the position and attributed as an important factor for foundation and recognition. Furthermore, we realize that traditionalists identify patriarchy rooted in traditionalism and struggle to combat it, seeking gender equality in this socio-cultural context.

Key words: Woman; Genre; Traditionalism; Representation.

¹Licenciada em Dança (UFSM), autora; Pós-Graduada do Programa de Pós Graduação em Estudos de Gênero - UFSM

²Bacharel em Comunicação Social, Relações Públicas, orientadora; Mestre e Doutora em Desenvolvimento Rural (UFRGS), Pós-Doutorado na área de Comunicação Organizacional (UFRGS), Professora Adjunta I no Departamento de Ciências da Comunicação (UFSM), Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação (UFSM).

1. INTRODUÇÃO

É oportuno iniciar pedindo licença para contar-lhes o percurso resultante deste presente estudo. Sustentamos esse discurso prévio no pensamento de que toda a pesquisa, enquanto criação dinâmica que se (trans)forma no ato, tem intencionalidade por detrás de seu processo. Baseado em Hall (1996, p.68) “[...] todos nós escrevemos e falamos desde um lugar e um tempo particulares, desde uma história e uma cultura que não são específicas ”, nos posicionando dentro do contexto. Portanto, há muito da autora e suas vivências imbricadas na pesquisa enquanto a concebe.

A autora é uma mulher branca, cisgênera, que tem em sua segunda casa o Centro de Tradições Gaúchas (CTG)³ desde os quatro anos de idade. Entre o ingresso na Graduação em Dança Licenciatura na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 2013, iniciou, paralelamente, um trabalho com internadas artísticas⁴, auxiliando grupos e o conjunto de prendas. Ela era dançarina de internada adulta⁵, instrutora⁶ de prendas e estudante de Dança, e essas versões começaram a se questionar sobre o seu lugar enquanto mulher nestes três ambientes. Dançando, tinha de seguir as normas de recatamento e delicadeza que a tradição traz consigo; ensaiando as meninas, conseguia, na didática de ensino-aprendizagem, um lugar de mais apropriação: mulher falando/ajudando/ensinando outras mulheres; como educanda na Universidade era fluida, liberta, criativa e explorativa. Então, que Bruna deveria ser e como se comportar enquanto mulher? Isso mudava conforme o ambiente? Que mulheres tinha como exemplo no meio tradicionalista, o que elas faziam, como elas se sentiam? E questões como essas ficaram pulsantes até que, na inserção no Curso de Especialização em Estudos de Gênero, elas poderiam criar vida e potencializar a pesquisa; que por fim acaba (de)marcando o seu lugar de fala -e de crítica! Isso porque, os problemas de pesquisa surgem, frequentemente, de modo inesperado, em questionamentos e/ou curiosidades, nada muito complexo, porém sempre suscetível ao aprimoramento:

³ O CTG é a célula base do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), é a entidade de maior abrangência quanto às atividades desenvolvidas, congregando ações culturais, artísticas, cívicas, recreativas, campeiras e sociais

⁴ O termo Internada Artística é utilizado para designar o conjunto de grupos de danças de um CTG, que de acordo com a idade os integrantes são divididos em categorias: mirim, juvenil, adulta, veterana e xiru.

⁵ Os integrantes só podem participar desta categoria a partir dos 15 anos de idade.

⁶ Pode ser definido como o indivíduo que transmite conhecimento, ensina uma doutrina ou adentra. Neste caso são os responsáveis pelos grupos de dança, principalmente nas Danças Tradicionais Gaúchas.

Problemas de pesquisa não nascem prontos, eles devem ser amadurecidos. Amadurecimento esse que surge como parte de um processo, de uma construção, em que cada tijolo que vai sendo colocado vai dando formas mais concretas àquela casa/ problema de pesquisa. (LOPES in MALDONADO *et al*, 2008, p.285)

No cerne das construções sociais, as mulheres sempre foram marginalizadas. Não diferente, no Rio Grande do Sul, as prendas, até meados dos anos 1949, não tinham suas existências sequer projetadas dentro dos CTGs. O 35 CTG -primeira entidade do Estado, fundada na cidade de Porto Alegre/RS pelo gaúcho e tradicionalista Paixão Côrtes- tinha em sua composição principiante, um galpão composto somente por homens. Este lugar, segundo Oliven (2006), foi pensado como um espaço no qual deveria se reviver os hábitos do campo e do passado. Para além de um clube de descanso para peões solteiros, era caracterizado como albergue de viajantes, portanto as moças nunca compareciam a um destes recintos. Assim, a mulher como problematização central de estudo fez/faz com que a própria trajetória histórica seja valorizada e digna de debate.

Basta olharmos ao nosso redor para percebermos que as questões de gênero estão mais evidentes do que nunca. “Mulher Gaúcha – 70 anos de inclusão no Tradicionalismo Gaúcho Organizado, suas conquistas e participações”, por exemplo, foi o tema escolhido no ano de 2019, no 67º Congresso Tradicionalista - São Borja/RS, justo quando a primeira mulher na história se candidatou para ocupar o cargo de presidente do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG)⁷. Em 2020, pela primeira vez, o feminino gaúcho ganha voz na presidência com a senhora Gilda Galeazzi.

Este estudo, então, busca mapear, num contexto em que o regionalismo gaúcho é majoritariamente masculino, mulheres tradicionalistas protagonistas, entrecruzada com as relações de gênero nesse ambiente cultural. As contribuições decorrem nos aspectos histórico-cultural e social, por trazer à tona parte da narrativa, até então carente de estudos, assim protagonizando a fala dessas mulheres que fizeram e ainda fazem sua trajetória na história Rio Grandense.

[...] a mulher de hoje tem ainda mais consciência do seu papel ativo no contexto da sociedade. Costura transformações profundas pela cultura, capacidade de articulação, graça e beleza, fazendo do conhecimento obtido, uma roupagem nova para viver o mundo. É o tradicionalismo abrindo

⁷ Movimento Tradicionalista Gaúcho é uma entidade civil, sem fins lucrativos e constitui-se na Federação dos CTGs e entidades afins.

caminhos, adaptando-se aos novos tempos, plantando união e esperança num mundo melhor para todos (PAIXÃO, 1995, p.42)

Atentando a todos esses dados, obtém-se a questão problema deste projeto: Quais as trajetórias, dentro do tradicionalismo gaúcho, percorridas por mulheres que ocupam espaço na 13ª Região Tradicionalista⁸ em posições de destaque, como patroas, instrutoras? Questionamento o qual se converte em corpo para o objetivo geral que é mapear as histórias destas mulheres protagonistas, onde para atingi-lo, estrutura-se algumas especificidades como identificar quem são estas mulheres; detectar, a partir dos pareceres apanhados, elementos facilitadores e de dificuldades para o desempenho de seus ofícios; verificar circunstâncias de subjugamentos do papel da mulher no universo tradicionalista gaúcho. Para tal fim, atentamos nos questionários de 14 tradicionalistas com indicadores sociais variados.

Deste modo, trazemos a visão de que escrever hoje uma pesquisa voltada ao público tradicionalista feminino é apresentar vozes que, por vezes, ficam invisíveis ao reduto masculino, é exibir histórias pertinentes para a evolução do Movimento. Ideais estes representados em um estudo que propõe termos uma análise limitada, porém não limitante, intitulada de: **BEM GAÚCHA⁹: REPRESENTAÇÕES DO PROTAGONISMO FEMININO NA 13ª REGIÃO TRADICIONALISTA.**

2. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Utilizando-se da estrutura teórica dos Estudos Culturais, o conceito de Representação foi trazido para a elaboração desta pesquisa: oriunda do latim *repraesentare*, definida etimologicamente como fazer presente, mostrar novamente, retratar. Representar é uma das formas de significação ou de produção de significados, por exemplo a maneira como narramos histórias, atribuímos valores e conceitos. Assim, a fim de entendermos como os sujeitos veem, analisam e percebem

⁸ 13ª Região Tradicionalista (13ª RT), com sede em Santa Maria, conta atualmente com 89 entidades filiadas. É composta pelos seguintes municípios: Agudo, Dilermando de Aguiar, Dona Francisca, Faxinal do Soturno, Formigueiro, Itaara, Ivorá, Nova Palma, Paraíso do Sul, Restinga Seca, Santa Maria, São João do Polesine, São Martinho da Serra, São Pedro do Sul, São Sepé, Silveira Martins e Vila Nova do Sul.

⁹ CD Bem gaúcha (2019) de Análise Severo. Faixa musical nº 1 - autores: Rômulo Chaves e Jean Kirchof.

sua individualidade ou grupo de convivência, empregamos a fundamentação teórica-metodológica da Representação Social (RS).

A Teoria das Representações Sociais (TRS) é oriunda da Psicologia Social e vem sendo utilizada no campo do Ensino de Ciências pois possibilita uma compreensão de grupos sociais de maneira mais significativa “investigando como funcionam os sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e para interpretar os acontecimentos da realidade (ALVES-MAZZOTTI, 2008, p.01).

Inaugurador da TRS, Moscovici (2003, p.21), destaca que elas “são sempre um produto da interação e comunicação (...)” assim, não são as mesmas para todos sujeitos da sociedade porque dependem tanto da noção de entendimento do senso comum, como do contexto sociocultural em que os indivíduos estão inseridos. Reiterando, Jovchelovitch (2000) salienta que as Representações Sociais se posicionam em sentido oposto à ideia individualista, pelo contrário, expressam que tanto o mundo, como os sujeitos são construídos a partir do encadeamento entre a atividade deste e a relação objeto/mundo. A partir da colocação destes autores, entende-se que as RS possibilitaram novas alternativas ao trazer à tona a interação do sujeito e sua conexão com o objeto/mundo, facilitando e instigando a construção tanto do mundo quanto de si mesmo.

A coleta dos dados foi realizada por meio de dois instrumentos: 1-Questionários semiestruturados; 2-Técnica da Associação Livre de Palavras (TALP); ambos com o objetivo de fornecer diferentes visões e garantir a complementaridade da narrativa.

Segundo Marconi e Lakatos (2005) questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito sem a presença do entrevistado. Este método foi usado a partir de perguntas fechadas e abertas, a última para que o questionado pudesse responder livremente, usando linguagem própria, para nos apresentar opiniões, sentimentos, situações vivenciadas. O questionário (APÊNDICE A) foi validado e logo enviado – e recebido – para os sujeitos através da plataforma Google Forms. Este método e recurso foi escolhido devido ao período pandêmico de COVID-19, onde se fez impossível o contato pessoal entre a autora e os sujeitos da pesquisa.

Ainda, seguindo a linha das falas livres e sem censuras, usamos a Técnica de Associação Livre de Palavras que é um tipo de investigação aberta que se estrutura na evocação de respostas dadas com base em um ou mais estímulo(s) indutor(es).

“Se eu lhe digo “X”, o que vem à sua mente? Dê-me “X” palavras, que para você, caracterizam X” (COUTINHO, 2005, p. 67). É desta maneira que, a partir de Nóbrega e Coutinho (2003), esta técnica consegue estudar os estereótipos sociais, os quais são compartilhados espontaneamente pelos grupos, tornando-se escolhida nesta pesquisa justamente por possibilitar uma aproximação maior com o pensamento dos sujeitos.

Colaborando, em específico na Associação Livre de Palavras, há uma vertente mais característica das Representações Sociais, a abordagem estruturalista, ou também chamada de Teoria do Núcleo Central. Abric (2000) discorre que esta foi elaborada a partir da ideia de que toda a representação, individual e/ou coletiva, e está estruturada de maneira em que, em seu centro, encontram-se os elementos que dão significado e estrutura para a representação, são estáveis e não-negociáveis; já na periferia, formado por informações mais instáveis, são evocações mais suscetíveis às mudanças, porém, ainda assim, afetam no Núcleo Central. Assim, faremos uso da Teoria no Núcleo Central para direcionar a análise das TALPs.

2.1 IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS

O critério de escolha dos sujeitos foi de forma intencional, visto a incorporação da autora no campo de pesquisa, facilitando assim o contato com os mesmos. O primeiro passo foi encontrar mulheres tradicionalistas que estivessem dispostas em participar do estudo, para isso, uma rede de conhecidas foi acionada. Em um primeiro momento foram contatadas 19 mulheres atuantes nas mais diversas áreas do Movimento. Destas, 1 não retornou o contato e outras 4, depois de receber o envio do link do questionário online, acabaram por não responder. Por fim, a pesquisa contou com 14 mulheres tradicionalistas. A tabela 1 detalha o perfil sociodemográfico das participantes.

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das participantes

Identificação	Faixa etária	Cor/raça	Trabalho remunerado	Formação escolar	Estado civil	Filhos
Instrutora 1	40-49	Branca	Sim	Pós-Graduação Completa	Casada	1 a 2
Instrutora 2	40-49	Branca	Sim	Superior Incompleto	Casada	1 a 2
Diretora Cultural 1	50-59	Branca	Não	Ensino Médio Completo	Casada	3 ou mais
Diretora Cultural 2	30-39	Branca	Sim	Pós-Graduação Completa	Solteira	0
Patroa 1	50-59	Branca	Sim	Pós-Graduação Completa	Casada	1 a 2
Patroa 2	60 ou mais	Branca	Sim	Ensino Médio Incompleto	Casada	1 a 2
Patroa 3	50-59	Parda	Sim	Superior Completo	Casada	1 a 2
Patroa 4	50-59	Branca	Sim	Superior Incompleto	Casada	1 a 2
Patroa 5	40-49	Branca	Não	Superior Completo	Casada	3 ou mais
Competidora	30-39	Branca	Sim	Pós-Graduação Completa	Divorciada	0
Sota-Capataz	60 ou mais	Branca	Não	Superior Completo	Casada	0
Diretora de Comunicação	30-39	Branca	Sim	Pós-Graduação Completa	Solteira	0
Prenda 1	20-29	Branca	Sim	Pós-Graduação incompleta	Solteira	0
Prenda 2	20-29	Branca	Não	Superior Completo	Solteira	0

Fonte: da autora

Para garantir o anonimato, no questionário online não havia nenhum modo de identificação, então, construiu-se esta tabela a fim de identificar as tradicionalistas. Esta identificação fará jus nas apresentações/discussões/análises de suas falas ao decorrer do estudo. Para entendermos melhor, é importante denominarmos o significado das funções: Instrutora é a responsável pelas Danças Tradicionais; Diretora Cultural centraliza ações como formação de prendas e peões para concursos, promovem ações que gerem conhecimento e sentido sobre o ser gaúcho e tradicionalista; Patroa exerce a função de dirigente máxima em um CTG; Competidora, neste caso, refere-se à prenda que mostra suas habilidades na prova de tiro de laço; Sota-capataz é a secretária da entidade; e Prenda remete a prenda de faixa.

3. ESTUDOS SOBRE GÊNERO

Nosso entendimento sobre a cultura de cada povo é construído pelas narrativas que ouvimos, e, quanto maior a diversidade dessas histórias, mais íntegras serão nossas interpretações. Durante muito tempo ouvimos/lemos somente uma versão dos fatos, a história foi contada exclusivamente pela visão masculina e sobre eles. “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHEI, 2019, p. 22). Portanto escrever sobre as mulheres é fundamental para apresentar fatos pertinentes e compreender

amplamente o contexto, pois por muito tempo tudo que sabíamos sobre as mulheres foram contados por homens; dado que muitos autores falam sobre a mulher porém ignoram e desconsideram seu ponto de vista.

Oriundo de um modelo patriarcal, essas histórias sofrem influências de padrões impostos pela sociedade. Por patriarcal compreende-se a ideia de Heleieth Saffioti (1987, p.16) “um sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem”, um sistema enraizado e limitante. Então, como destaca Marinucci (2007, p.5) “é necessário entender as práticas dos homens e atentar para os conflitos embebidos dentro dessas redes”, pois as normas sociais e políticas são construídas, cultivadas e normalizadas através da cultura do medo, para manipulação e exclusão.

Compreender a trama do poder, sobretudo nas relações de gênero, do mesmo modo que entendemos a importância desta no processo formador das mulheres, é fundamental, pois a opressão feminina tem início desde o seu direito de ser mãe. A capacidade de gerar filhos se transformou em um símbolo de diferença e desvantagem. É inevitável as distinções físicas entre os sexos, mas isso não nos aponta nenhuma particularidade entre fragilidade e superioridade; confirmamos nas palavras de Louro (1987, p.11) que “esta dominação é muito mais política e ideológica do que física. ”.

Não é à toa que Adelman (2016) parte do princípio que gênero deve ser considerado como um dos eixos centrais para compreender a vida social moderna. No entendimento de Scott (1995), gênero é o saber que estabelece significados para as diferenças sexuais construídas pelas culturas e sociedades sobre a relação entre homem e mulher. Segundo ela, as representações históricas do passado ajudam a conceber o gênero no presente. Deste modo fica claro que devemos pensar na historicidade gaúcha, tirar a mulher do núcleo negligenciado de vozes impronunciáveis e trazê-la como potência transformadora e ativa. Dar a elas um lugar de fala, que as pertence por direito, é lutar por um lugar de fala de/para todos, pois o falocentrismo sempre foi direcionado a hegemonia branca e masculina.

O discurso de desigualdade de gêneros é reproduzido – e discutido – ainda nos dias de hoje. Ainda que a mulher trabalhe, ocupe as ruas, as universidades, a política, ela é, necessariamente pelas imagens estereotipadas¹⁰, colocada no campo da fragilidade e no âmbito privado. Na história, isso começa a ser rompido a partir dos

¹⁰ Estereótipos como o de dona de casa (Rousseau, século XVIII) ou Objetificação (Caroline Heldman, 2012)

anos 50, depois que Simone Beauvoir publica "O segundo sexo"¹¹ em 1949, e desde então vem sendo desconstruído na esfera do pensamento, dos movimentos populares, do movimento feminista. A organização do feminismo manifesta-se em todos os espaços onde "as mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o feminino não seja o menos, o desvalorizado" (ALVES; PITANGUY, 1981, p.9), entendendo assim, que o feminismo é um termo genérico para o movimento que acredita que as pessoas são iguais independente de gênero.

É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada. Como todo o processo de transformação, contém contradições, avanços, recuos, medos e alegrias (Ibidem, 1981, p.7)

O feminismo vem para furar esse balão que é o patriarcado. Um balão que, ao invés de ar, é inflado por conceitos inquestionáveis, certezas prontas, verdades implantadas. Esse movimento deseja modificar as ideias dos homens que buscam uma visão mais aberta do mundo, entender a vida diferente do que lhe foi ensinado e legado (violência, poder, machismo) pelos seus antecessores, busca dar voz as mulheres e, por sua vez, colocar o masculino em um lugar de escuta (TIBURI, 2019).

3.1 O FEMININO NO RIO GRANDE DO SUL

Foram anos de muitas peleias,
Que atingiram meu chão maragato,
Os gaúchos em lutas de posses,
E as mulheres no anonimato.
Campesinas, gaúchas, guerreiras,
Foram Anas, Marias e Anitas.
Atravessei o tempo, o vento, a vida,
Curei feridas, enxuguei meu pranto,
E pisei distâncias nos campos da alma,
E o que me acalma é não calar meu canto. (GIMENEZ, 1987)

O rio grande do sul tem como identidade um termo baseado na exaltação do masculino, que simboliza mulheres e homens nascidos no estado. Gaúcho, tornou-se atributo de uma imagem forte, viril e desbravadora. Transversalmente, a invenção do gaúcho como modelo e também como termo que representa e identifica todos os

¹¹ No Brasil, o livro foi publicado em dois volumes. "Fatos e mitos" é o volume um, e faz uma reflexão sobre mitos e fatos que condicionam a situação da mulher na sociedade. "A experiência vivida" é o volume dois, e analisa a condição feminina das esferas sexual, psicológica, social e política.

indivíduos, perpassa por uma relação de gênero/poder idealizada a partir de uma história atemporal, que acaba por ser um ponto central nas interpretações da cultura, o que caracteriza um modelo patriarcal. Segundo Pesavento (1989) esse processo de criação de um estereótipo sobre o estado gaúcho e seu povo, é significativo para entendermos a atuação desse grupo na sociedade e a sua legitimação de predomínio e hegemonia. Este fator também colabora para que as mulheres sejam excluídas e escondidas atrás de figuras masculinas, privadas de interesses e sentimentos próprios.

Na formação de nosso estado, mulheres indígenas, espanholas, africanas, luso-açorianas, sempre foram donas de papéis importantes. Mas infelizmente, de forma negligenciada, foram invisibilizadas em uma construção de um retrato feminino fragilizado, com competências exclusivas para o cuidado e manutenção da vida familiar. Falarmos do tradicionalismo gaúcho por intermédio de uma visão feminina, é resgatar parte da história sabotada, de muitas lutas, aflições, vitórias, anseios.

As heroínas da resistência gaúcha garantiram, no dia a dia, a perpetuidade da história que o gaúcho construiu. A atuação indireta dessas mulheres também se registrou com sangue e idealismo, aos quais se unia incomparável lealdade (FLORES, 1985, p. 39).

A composição étnica-cultural do Rio Grande do Sul apresenta muitas diversidades e legados. Isso, também, graças a tantas mulheres que não tem suas faces estampadas em livros, nem seus nomes citados em grandes literaturas, mas que ativamente participaram dessa construção.

As indígenas, eram incumbidas, principalmente, a economia da tribo (já que se dedicavam ao artesanato), a transmissão da cultura de seu povo e aos cuidados com os filhos. Após o nascimento destes, trabalhavam na lavoura enquanto seus maridos repousavam e realizavam dietas. Nas reservas indígenas, geralmente há um grande percentual de natalidade, visto que mostra a virilidade do homem. Eles também poderiam ter quantas mulheres conseguissem sustentar, enquanto as índias eram destinadas a monogamia. Em especial, as índias guaranis, como Sant'ana (2018) aponta, após os Jesuítas serem expulsos, ficaram sendo motivo de satisfação sexual para os homens brancos. Ainda, a partir da visão de Saint-Hilaire (1887), essas relações de prazer aconteciam com os homens brancos por mero interesse, com negros por gozo, e com o índio por obrigação. Aliás, era normal encontrar nas

estâncias, homens gaúchos com amantes indígenas. Por sua vez, as mulheres negras, que vieram amontoadas em navios negreiros, segundo Silva e Cirne (2013) foram trazidas do Rio de Janeiro para divertir homens (brancos). As negras também fundaram alguns quilombolas.

Já sobre as mulheres advindas da Espanha, em sua maioria, precisaram ser a estrutura familiar, pois os homens eram deportados e/ou intimados a guerrear. Para as ocupantes do Rio Grande do sul luso-açorianas solteiras, o estado concedeu benefícios caso concebessem matrimônio, inclusive proibiram a construção/abertura de conventos. A tentativa era de incorporar ideais de procriação para o aumento e ocupação do território gaúcho. Muitas casas dessas mulheres portuguesas possuíam um 'quarto de donzela', onde não havia janelas e a porta existente adentrava para o quarto de seus pais.

A bravura da mulher no período da Revolução Farroupilha (1835-1845) também merece notoriedade, pois foram elas que sustentaram a economia rio-grandense em tempos de combate, assim, "constituiu-se a mulher farroupilha numa força poderosa, semi-oculta, mas efetiva" (Flores, 1985, p.46). As estancieiras mantinham a propriedade rural, entretanto as negras seguiam escravizadas, enquanto escravos homens que iam para os conflitos armados, no final, eram dados por livres.

Dentre as mulheres, algumas seguiam junto dos homens durante o trajeto até a guerra e os estimulavam a pelear, acudiam os feridos e, conforme Silva e Cirne (2013) aqueciam-lhes o corpo e a alma. Essas eram chamadas de chinas. Mesmo sem citar o termo, Galvão (2003) as equiparava aos homens guerreiros, visto que tinham conhecimento da lida com os cavalos, sofriam com a chuva, o frio e a fome; além, eram mulheres fortes, pertenciam somente a quem queriam, e furtavam os mortos e/ou vencidos de guerra para sobrevivência.

Em meio ao decênio farrapo, outras mulheres memoráveis participaram da história. Entre elas Nísia Floresta, abolicionista e republicana, que se fez precursora do movimento feminista no Brasil publicando a tradução do livro *Direito das Mulheres e Injustiça dos Homens*¹² em Porto Alegre, cidade onde também inaugurou uma escola para meninas; Ana Francisca Rodrigues Pereira, que de acordo com Lessa (2002) apresentou-se em terras republicanas candidatando-se a cargo de professora, abrindo caminhos para outras mulheres seguir o magistério. Ainda evidenciamos

¹² Livro de autoria de Mistress Godwin.

Maria Josefa da Fontoura Palmeiro, liberal que lutava pela liberdade dos escravos, promovendo reuniões sobre o assunto em sua própria casa; Maria Josefa Barreto Pereira Pinto, dona e dirigente de jornais locais e criadora de uma escola primária mista; Delfina da Cunha, autora do primeiro livro de poesias do estado gaúcho; Ana Eurídie Eufrosina da Fonseca Barandas, segundo Sant'ana (2009), fazia parte do time das escritoras que expressavam-se e reivindicavam publicamente sobre política e direito das mulheres. Por fim, uma das mais conhecidas protagonistas femininas: Ana Maria de Jesus Ribeiro, chamada normalmente de Anita Garibaldi. A partir de Ribeiro (1985), é a única mulher envolvida diretamente com combates gaúchos que consta em registros bibliográficos históricos.

Assim, mostramos como foi importante a participação feminina na Revolução Farroupilha, independente do que faziam. A atuação da mulher naquele decênio foi extremamente marcante. (SILVA E CIRNE, 2013, p. 42)

Posterior a Revolução Farroupilha, como aponta Joana Maria Pedro (2004), o feminino atinge lugares de proeminência, principalmente em departamentos que abrangem cultura. Do âmbito privado maternal, de cuidadoras e educadoras, passaram a serem dignas de envolvimento cultural, reuniões sociais, de figurarem parte da sociedade. Tais mudanças nos ajudam a compreender a evolução da mulher no tradicionalismo gaúcho.

Em um paralelo, contemporâneo com a movimentação de Beauvoir na França, no Brasil, em específico no Rio Grande do Sul, dá-se início a projeção das mulheres nos CTGs. No de 1949, em Montevideu, comemorando o 'dia da tradição', a solenidade foi marcada pelas indagações acerca da carência de mulheres no Movimento. Este evento foi primordial para destituir algumas desconfianças e prejulgamentos, pois embora a presença fosse vital na composição e estabilidade da família gaúcha, a mulher não estava incluída ao tradicionalismo. Logo, na volta à Porto Alegre, é feita a primeira reunião onde mulheres¹³ puderam comparecer, em especial, aquelas que eram parentes dos homens do quadro social da entidade.

A inserção da presença feminina no Movimento se deu com uma definição de estereótipos, fundamentados ainda em mulheres submissas, discretas, gentis, dona de casa e esposas, a partir do ideal imaginativo do gaúcho. As mulheres, então,

¹³ Comparecem na primeira reunião: Maria Zulema Paixão Côrtes, Derce Paixão Côrtes, Sueli Dutra Soares, Sarita Sutra Soares, Lory Meireles Kierfen, Íris Piva, Norma Dutra Ferreira, Nora Dutra Ferreira, Damásia Medeiros Steinmtz e Linda Degrazzia.

adentraram os CTGs, entretanto suas serventias foram limitadas a afazeres genuinamente feminilizados, como trabalhar na cozinha, por exemplo; mantendo as decisões e/ou cargos importantes ao poder dos homens. Ou seja, as mulheres ingressaram no Movimento mas nada aquém do respaldo que lhes era atribuído.

Contudo, agora que havia presença feminina nos galpões, a preocupação dos homens eram achar um termo adequado para chama-las. Chinãs, era o nome usado para as 'mulheres da vida', então não seria de bom grado. Para representar as mulheres, agora participantes dos CTGs, foi escolhido a expressão Prenda, que no dicionário significa objeto de valor, joia rara. E ainda mais, segundo Maria Eunice Maciel (1994), prenda também representava o verbo imperativo prender, associando que estas, então, colocariam as rédeas na liberdade do gaúcho, que tem como representação um homem livre e galante. Assim, a prenda é a representação idealizada pelo projeto tradicionalista, da mulher com "recato, delicadeza e submissão em oposição às características masculinas (associadas à força e à liberdade) representadas na figura do gaúcho." (DUTRA, 2002, p.53)

Após muitos anos decorrentes, os papéis de tradicionalistas homens e mulheres tem se transformando aos poucos, tentando acompanhar, mesmo que em passos lentos, o curso da sociedade contemporânea, em diálogos, considerações e relações para com as minorias. Podemos ver parte dessa caminhada no mapeamento reflexivo a seguir.

4. RESULTADOS: MULHERES PROTAGONISTAS

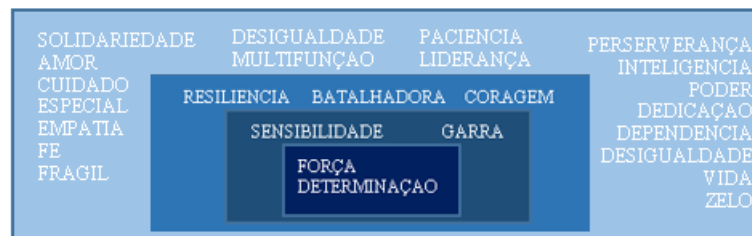
A presença da figura feminina ocupando espaços, antes majoritariamente tomado por homens, vem estando em voga nos últimos tempos. Muitas dessas mudanças são pelo incentivo (e compreensão) do (sobre o) movimento feminista, assim rompendo discussões sexistas a partir de um processo longo, lento e complexo de quebra de paradigmas, reconsideração de conceitos e mudanças de mentalidades enraizadas por séculos. Podemos ter ideia desse conservadorismo arraigado, em uma publicação do jornal Gazetinha de 1898, onde, a partir de Pedro (2004), era apresentado normas comportamentais que uma mulher deveria cumprir: Falar pouco, escutar muito, ter cuidado com o tom de voz, apenas narrar fatos que interessem a todo o grupo – entretanto é preferível que fique afastada de opinar, evitar ser/estar protagonista, não rir muito alto, etc. Pensando nisso:

Tudo indica que para [a mulher] chegar a um papel principal será preciso um caminho complexo, que deve ser utilizado e repostado, evocando-se a identidade de tão importantes étnicas que construíram com muita invisibilidade o Rio Grande do Sul (GEERTZ, 1978, p.102, grifo nosso).

Assim, discutirmos as relações de gênero e destacarmos as mulheres, em especial as tradicionalistas, é resgatarmos a história única e (tentar) transformá-la em narrativa de todos; é preservarmos, mas sobretudo contribuirmos, para com as memórias (femininas) gaúchas.

Na TALP sobre a palavra **Mulher** temos ainda um cruzamento de ideias entre público e privado:

Figura 1 – Associação Livre de Palavras sobre Mulher



Fonte: da autora

O núcleo central, **força e determinação** já nos aponta para uma mulher pública, que luta pelo seu espaço, direitos e por uma sociedade mais justa. Na periferia, algumas palavras como **amor, frágil, multifunção, dependência, zelo**, remetem à associação das mulheres para com o **cuidado**, palavra também citada. Este conceito ainda exerce um papel importante na construção da identidade feminina, ao mesmo tempo que auxilia para com as posições hierarquizadas, tanto no espaço privado/doméstico quanto no mercado de trabalho/público. Biroli (2018) reflete que esta atribuição não é pelas mulheres terem disposição natural para cuidar dos outros, mas porque nas relações sociais elas foram posicionadas historicamente como cuidadoras. “Nesse contexto, um dos aspectos mais relevantes[...] sobre a vida das mulheres é a associação do cuidado como uma prerrogativa feminina” (OLIVEIRA-CRUZ, 2016, p. 65), então, segundo Araújo e Sacalon (2005) é essa normatização, construída como uma responsabilidade da mulher, que se enfraquece como processo social e que as sobrecarrega, uma vez que estes cuidados passam a ser intitulados como parte do seu ser e não como uma escolha. Contudo, “[...] com exceção das limitações biológicas de gestação e amamentação, todos os outros aspectos que

envolvem cuidado no âmbito familiar podem ser desempenhados por homens e mulheres. O que leva a concluir que a associação entre cuidado e mulher é uma questão de gênero” (Ibidem, p. 48). Assim é necessário desmistificar o conceito de cuidado ligado ao feminino, e atribuí-lo como pertencente à humanidade como um todo.

A relação de gênero faz um *link* importante com a esfera do trabalho, que é um verdadeiro problema de gênero (TIBURI, 2019). Grande parte das mulheres se desdobram em dupla (terceira, quarta, quinta) jornada entre trabalho público e privado, remunerado e o não remunerado. Como aponta a Diretora Cultural 2 (grifo nosso):

Existem dois pontos consideráveis nessa temática [escolhida pela autora]: De um lado, a valorização e as dificuldades que enfrentamos pelo simples fato de sermos mulheres; De outro, o esgotamento da mulher devido a uma vida multitarefas (casa, trabalho, tradicionalismo).

Neste caso, 10 entre as 14 mulheres questionadas possuem trabalho remunerado, entretanto, em somente duas destas situações estão ligadas a cargos do/no Movimento, que são as Instrutoras 1 e 2. A última citada ainda é remunerada no ambiente tradicionalista também por ser Coreógrafa. Ambas ainda exercem outra função remunerada fora deste campo de estudo e dizem fazer parceria com o esposo na função de instrutora. Dito isso, é importante salientarmos que as danças tradicionais do estado do Rio Grande do Sul são dançadas em par, peão e prenda, o que a Instrutora 1 acredita ser um fato favorável ao seu exercício por trabalhar em conjunto com seu marido.

Por seu período histórico-cultural, essas danças são representações onde as mulheres estavam submissas, o que hoje nos provoca muitos questionamentos e reflexões, como por exemplo as movimentações, gestuais e interpretação, onde precisam ser delicadas, recatadas e conduzida pelos homens. Estes, por sua vez, assumem o papel de galanteio e exibicionismo. Ao vermos os grupos de dança com um casal de instrutores, a didática de ensino de criação/execução de sapateios¹⁴ fica incumbido ao homem e os sarandeios¹⁵ restrito às mulheres. Entretanto, comumente,

¹⁴ Se caracterizam pelo ato de bater os pés no solo com a intenção de criar efeitos sonoros para acompanhar o ritmo musical da dança apresentada. É a demonstração de habilidade e exibicionismo do peão. Usado para conquistar as prendas, porém se o par for de sua família será apenas um ato de divertimento e/ou satisfação.

¹⁵ Elemento que tem por finalidade explorar a graça feminina, desenvolvido livremente de acordo com as possibilidades individuais e/ou cada dança específica.

as internadas possuem apenas um instrutor homem, onde é normalizado o desenvolvimento de sarandeios por eles, visto que são dados como os possuintes do/de conhecimento. Porém, os sapateios jamais são desenvolvidos por instrutoras mulheres, que também ocupam papéis secundários e são, normalmente, consideradas apenas auxiliares do processo.

Dos 10 casos de trabalho remunerado, no questionamento sobre a jornada dupla de conciliação, há quem se sinta competente, feliz em poder conciliar as atividades, ao mesmo passo de quem acha que em alguns momentos há sobrecarga e estresse, porém “[...] a renda é uma forma de me manter nas atividades tradicionalistas, visto que há muitos gastos também” (Prenda 1). Maria Freitas (1998) ressalta que a dimensão do trabalho é imbricada com as demais esferas da vida do sujeito, deste modo, conseguimos perceber a multiplicidade de encargos que as mulheres vem acumulando para dar conta do trabalho, da família e, neste caso, do voluntariado no tradicionalismo. Assim, a Patroa 2 diz ter trabalho autônomo, o que, segundo ela, facilita conciliar com os trabalhos na entidade. Porém, a Patroa 4, em época de festejos farroupilhas chega a designar alguém para substituí-la em algumas atividades no CTG, pois não consegue conciliar trabalho e patronagem em horário comercial nesse período, sendo assim “um pouco trabalhoso atender as duas coisas”, como complementa a Patroa 3. A última citação conflita um pouco com a Patroa 1, que acha que “[...] com planejamento e equipe bem preparada e motivada é possível realizar inúmeras atividades concomitante”.

Outras 2 mulheres seguem uma mesma linha de pensamento, vendo no tradicionalismo um prazer. Então, mesmo que estressante e com a correria devido ao tempo, é algo que as traz satisfação. Quando falamos em tempo, encontramos também quem faz críticas, como a Diretora Cultural 2 que acredita que o tradicionalismo deixou de ocupar somente os finais de semana e adentrou em sua semana toda, o que torna bastante difícil e cansativo a conciliação. Somando-se a Diretora de Comunicação que acredita ser

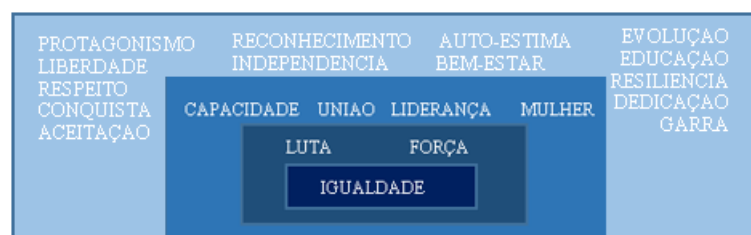
importante citar que muitas atividades são planejadas sem levar em conta as atividades profissionais, como quando agendam Encontros Regionais em dia de semana, no fim da tarde, e acreditam ser necessário que todos estejam pilchados. Neste caso, é desgastante e desnecessário.

Sobre a atividade doméstica das 4 mulheres que não possuem trabalho público/remunerado, podemos relacionar com o conceito de que “não se trata de atividades produtivas, nem improdutivoas, mas sim reprodutivas – localizando-se no centro da existência, sem as quais os seres humanos não podem viver ” (BRITES, PIKANÇO, 2014, p.132). Vale ressaltar que o trabalho do lar é exaustivo e de uma demanda infinita, que segundo Tiburi (2019), causa a escravidão emocional e psicológica, resultante também de uma visão naturalista e essencialista de uma suposta predisposição feminina para este tipo de ofício. No privado, a associação do cuidado ligado as mulheres é geralmente relacionado a dedicação aos filhos. Dentre as tradicionalistas questionadas, uma delas não desfruta de trabalho além do lar e não possui filhos, conjuntura que, provavelmente, em uma cultura onde ser mãe é um grande sinônimo de tornar-se mulher, deve contribuir, de alguma forma, para a manutenção preconceitos e exclusões.

A desigualdade de gênero se substancia no desnivelamento salarial, até mesmo quando há atributos, expediente e aptidões equivalentes. Mesmo que a maioria das questionadas, 71,5%, tenham escolaridade superior completo ou grau mais avançado, em estatísticas, ainda assim devem receber menos que os homens, pois entre psicólogas, pedagogas, médicas veterinárias, jornalistas, professoras, advogadas - profissões de nossos sujeitos-, em todas estas há índices de salários menores. No Brasil, segundo dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), em 2011 os salários femininos eram equivalentes a 79,8% do ordenado dos homens. A partir desse paralelo era traçado, se direcionado para as funções em nível superior, a distância entre os vencimentos se tonava maior, deixando as mulheres no intermédio de cerca de 63,8% do ordenado masculino.

Voltando ao núcleo central sobre a **Mulher**, as palavras **força e determinação** nos remete, quase que de imediato, ao **Empoderamento**, assunto da TALP 2.

Figura 2 – Associação Livre de Palavras sobre Empoderamento



Fonte: da autora

“O conceito de empoderamento é instrumento de emancipação política e social” (Berth, 2018, p.18), assim provoca avanços e autonomia em relação a dependências e subordinações para aquele sujeito ativo do/no poder. A dominação de poder ‘é macho, branco e, de preferência, heterossexual”, adulta e sem deficiência (SAFFIOTI, 1987, p.31). Marcela Lagarte (1993) afirma que o poder consiste na capacidade de decidir sobre a vida do outro, na intervenção com fatos que obrigam, circunscrevem ou impedem. Portanto, em tese, as mulheres estão do lado submisso e subalterno do poder. Empoderar, portanto, é sinônimo de autoconhecimento, fortalecimento de si própria e do grupo, de resistências às existências, de questionamentos do lugar de poder.

No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos” (BATLIWALA, 1997, p. 130)

Entendemos portanto, que o poder é a sustentação básica de todo o processo de empoderamento e é afetado, também, pela maneira como movemos e participamos dessas relações e espaços, pois “estamos diante de um conceito complexo, muito distorcido e incompreendido, o que se deve em grande parte ao debate acrítico sobre o tema” (BERTH, 2018, p.24).

Ter no cerne da TALP 2 a palavra **igualdade** nos mostra o quanto precisamos ter vozes femininas ativas no poder, para só assim, de alguma forma, podermos ser mas igualitários. É notório que sem **luta** e muita **força** (outras duas palavras mais citadas) as mulheres continuarão sendo subordinadas, o segundo plano.

Para nós, feministas, o empoderamento de mulheres é o processo da conquista da auto-determinação. E trata-se, para nós, ao mesmo tempo, de um instrumento/meio e um fim em si próprio. O empoderamento das mulheres implica, para nós, na libertação das mulheres das amarras da opressão de gênero, da opressão patriarcal (SARDENBERG, 2006, p. 2).

Todavia, na periferia encontramos **autoestima** e **bem-estar**. A primeira palavra, respectivamente, a partir do perfil que traçamos da tradicionalista que a citou, nos reporta a pensar que vai além de uma afirmação de si, mas também pela estima

de outras mulheres. Nos provoca, assim, a explorar inseguranças e medos, nos faz relacionarmos com a ideia de que somos potência, apesar das mulheres, em geral, ainda se sentirem aprisionadas em relação a autoestima, pois sua autonomia e auto expressão sempre foram limitadas pelo patriarcado. O segundo termo nos lembra que o movimento feminista alargou os horizontes e desfocou os olhares que viam essencialmente o bem-estar como centro das atenções e nos proporcionou entendermos que, segundo Sen (2000), se vemos as mulheres somente como provedoras do bem-estar, limitamos as concepções delas enquanto sujeitos autônomos com demandas próprias.

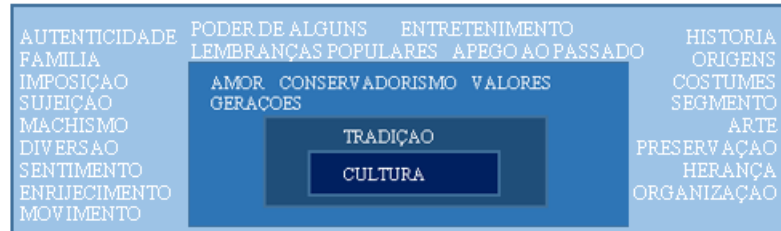
Empoderar tem relação com fortalecer os sujeitos sociais e tentar protagonismos mais proporcionais. Logo, a desigualdade de gênero, a partir das tradicionalistas entrevistadas, “já foi pior” (Competidora), “percebo que, de uma maneira geral, temos vivenciado menos situações nesse sentido” (Instrutora 1). Sendo que 9 já foram contestadas pelo simples fato de ser mulher. A Patroa¹, por exemplo, conta que um grupo de homens sempre boicotavam seu trabalho na entidade e traz o desmerecimento do feminino quando em exemplos de bons trabalhos sempre ser citado o nome de um homem. Ideia essa que corrobora com a Diretora Cultural 2 “Em determinadas circunstâncias é preciso que um homem ‘ateste’ sua autoridade para que possa ser ouvida”. A Prenda 2 versa que não foram raras as vezes em que homens se achavam no direito de questionar algum posicionamento e/ou atitude dela e acredita que uma das razões era por ser mulher. Ainda conta que também era notável a diferença no tratamento, percebendo que muitas vezes o tom de voz aumentava ou sua fala era interrompida, ao contrário de quando eram homens esboçando suas opiniões. Relato que complementa quando a Patroa 5 nos conta sobre a falta de apoio no Movimento, onde muitas vezes não teve ajuda para mesmas situações onde patrões-homens sempre foram apoiados.

Importante ressaltar que a Prenda 1 diz não ter sido questionada em sua atual função pelo fato de ser mulher. Entretanto ocupa atualmente um cargo que é exclusivamente feminino. Todavia acrescenta: “em algumas ações que eu escolho conduzir e espaços que eu escolho optar, já senti olhares julgosos e de estranheza, mas nunca fui questionada diretamente”.

A história da mulher, em especial no Tradicionalismo gaúcho, é recente, que se percebe a partir de um passado mal contado, coberto de silêncios seculares que ainda

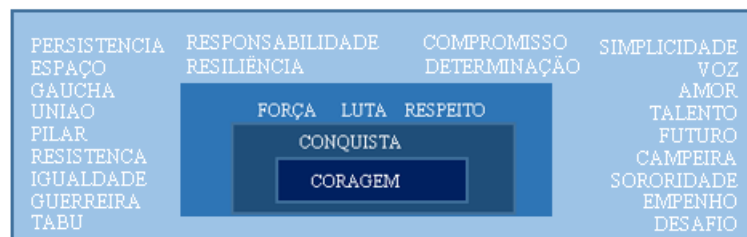
não foram completamente quebrados (SOIHET, 2017). A seguir duas TALPs, respectivamente, sobre **Tradicionalismo** e **Mulher no Tradicionalismo**.

Figura 3 – Associação Livre de Palavras sobre tradicionalismo



Fonte: da autora

Figura 4 – Associação Livre de Palavras sobre mulher no tradicionalismo



Fonte: da autora

Nos centros encontramos, respectivamente, **tradição e cultura; conquista e coragem**. Isso porque é advindo de muitas lutas que a mulher se inseriu em uma cultura que o machismo e o patriarcado, tradicionalmente, são enraizados. Corroborando com a Prenda 2 que completa: “O tradicionalismo nada mais é do que um reflexo da sociedade civil, então é óbvio que ainda existem muitas ações machistas por parte de seus associados”

Na TALP de **Tradicionalismo** vemos na periferia palavras que trazem o cenário mais ‘quadrado’ do Movimento: **enrijecer, poder de alguns, machismo**. Isso talvez porque, na construção da identidade do gaúcho e do Tradicionalismo existem re(v)(f)erências a elementos que rememoram um percurso remoto de rigosidades e exclusões. Podemos trazer como exemplo as mulheres, que tem suas representações sociais, econômicas, políticas e culturais quase que inexistentes na história. O termo **poder de alguns** nos remete a hierarquia e sobre por que/como/quando as histórias são contadas, quem as conta e quantas versões delas sabemos, pois “o poder é a

habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva” (ADICHIE, 2019, p.23). É preciso que esse poder seja de todos, que as narrativas do segundo plano sejam explanadas, para que não seja formada uma história única, estereotipada e incompleta.

A competidora, membro de Invernada Campeira, vê a mulher no tradicionalismo conquistando seu espaço. Fortalecendo essa ideia, a Patroa 3 destaca:

[...]muitas mulheres participando ativamente das Lides Campeiras de igualdade com os homens, demonstrando que não existe superioridade e sim uma integração e união em prol de difundir cada vez mais as nossas tradições Gaúchas’.

Segundo a Instrutora 2, as tradicionalistas são “uma figura forte, marcante, assumindo cada vez mais seu lugar de protagonista nas gestões políticas, sociais, culturais e humanas”, ao mesmo tempo que, a partir da Diretora de Comunicação, continuam sendo questionadas e precisando reafirmar sua capacidade de exercer funções. Já a Diretora Cultural 1 vê a mulher ocupando importantes espaços no tradicionalismo:

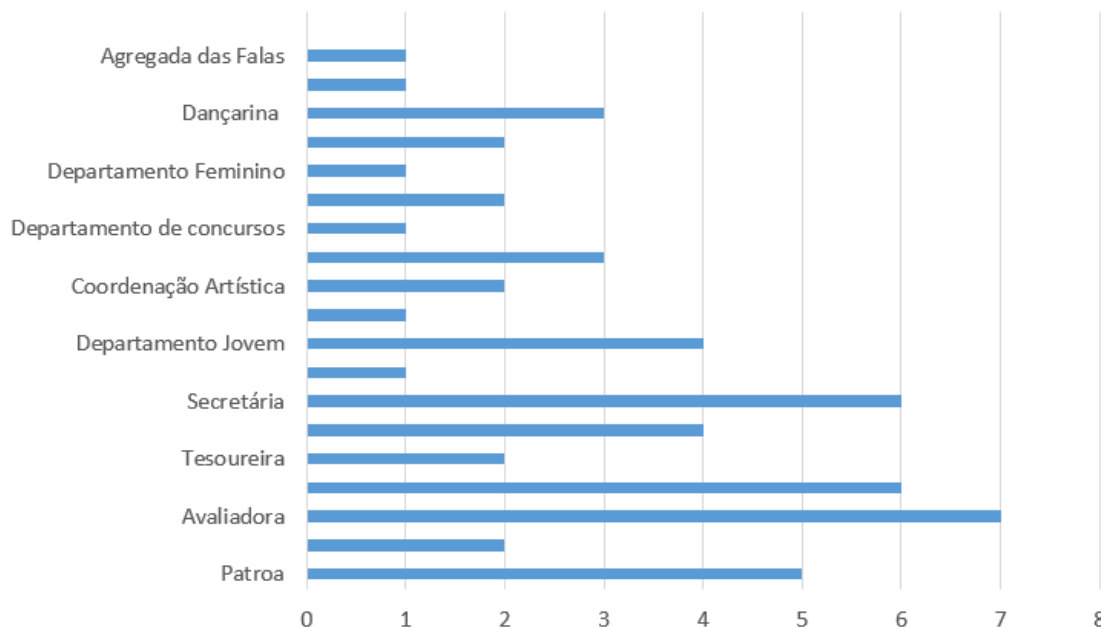
Ainda existe preconceito por parte dos ‘machistas’ e muitas vezes pela própria mulher que são capazes de duvidar e ter inveja da capacidade de outras. Temos que mostrar que nós mulheres somos capazes, temos capacidade de assumirmos cargos com igualdade

O termo representatividade é traduzido como aquele que retrata os interesses de um grupo, de uma classe ou de uma nação. Visto isso, metade do número de questionadas acham que a mulher possui uma representatividade expressiva no Movimento e a outra metade nega. Destacamos que ainda que não chegue em um ideal de igualdade, essa representação existente já é significativa tão quanto importante para que outras mulheres comecem a se sentir incluídas. Em números, 11 tradicionalistas não acreditam que o Movimento valorize a diversidade de gênero. Diferente destes, a Prenda 1 acredita que existam espaços, grupos e ações no

tradicionalismo valorizando a diversidade e igualdade de gênero, entretanto sabe que pode não ser uma maioria, mas não deixa de ser um ideal cada vez ganhando força.

Atravessando as relações de gênero, as determinações sobre o que mulher pode fazer, onde ela pode estar, que lugar ela pode ocupar, sempre foi imbricado em circunstâncias histórica-sociais. Portanto, em relação as funções já desempenhadas pelas participantes, a autora, no questionário, indagou sobre os cargos de patroa, instrutora, avaliadora, prenda de faixa, e abriu, também, a alternativa outra(s), opção a qual trouxe ao trabalho respostas bem diversas como vemos a seguir:

Tabela 2 – Funções já desempenhadas



Fonte: da autora

Analisando a imagem acima percebemos a heterogeneidade de cargos já ocupados. Em seus ofícios atuais, 6 tradicionalistas acumulam funções. A Diretora Cultural 1 também é Avaliadora, a Diretora de Comunicação também é dançarina e Vice-diretora Cultural, a Prenda 1 é conselheira, a ganha espaço também como Secretária da sub-coordenadoria da 13RT, a Patroa 5 atua como Coordenadora de Invernada, bem como a Instrutora 2 que é Coreógrafa e Palestrante.

A partir da análise, compreendemos que 9% foram as primeiras mulheres a ocupar esse lugar de representatividade em suas entidades. Como exemplo, 3 das 5

Patroas em atuação foram precursoras em seus cargos. Entretanto, o Movimento Tradicionalista Gaúcho, em sua essência, não consegue nos declarar um nome e/ou data para sabermos sobre a primeira tradicionalista a ocupar essa função. Para além, destacamos que a dominação patroa era um substantivo agraciado apenas às mulheres dos patrões, pois ser dirigente máximo de uma entidade era espaço majoritariamente ocupado por homens. Este termo, patroa, foi assentido apenas no ano de 2008 onde, durante a 73ª Convenção Tradicionalista Gaúcha, decidiu-se que, também pelo aumento de demanda, as mulheres que ocupassem o cargo deveriam ser denominadas assim.

Diferente do uso da nomenclatura patroa, ser prenda de faixa, sempre representou as mulheres, como já mencionado anteriormente, é única função restritamente direcionado ao feminino gaúcho. Simboliza, segundo opinião da Prenda 2, “independentemente do nível, é assumir o posto de liderança jovem no Tradicionalismo e ser a representação da mulher gaúcha”. A mesma ainda ressalta, que o papel da prenda também é desenvolver projetos que tenham como prioridade a propagação da cultura entre todos, especialmente, entre crianças e jovens com menos oportunidades, visto que o tradicionalismo é visto, em sua grande parte, como uma atividade elitizada da sociedade, considerando que seu funcionamento gera alguns gastos. Contudo, mesmo que brevemente, precisamos falar sobre as Cirandas Culturais de Prendas¹⁶. Neste evento, entre prova escrita e oral, ainda se contam com a mostra folclórica, onde as tradicionalistas validam suas habilidades de ‘ser prendada’, como bordar, cozinhar, etc.; o que nos remete aos pensamentos de outrora sobre a mulher e suas funções naturalizadas. Nas Cirandas, é hierarquizado quem é mais prenda, no sentido valorativo; é eleita a prenda ‘ideal’, que representa, em suas mais diversas individualidades, a memória preservada da autêntica mulher gaúcha.

Outro elemento que faz parte dessa construção da *prenda* é aquele que enaltece a figura da mulher, nos “limites estipulados para ela”. (...) Seu espaço segue reduzido à condição de mulher resignada, de boa esposa e mãe, pois o objetivo não é destacar-se no espaço público; ela participa apenas para auxiliar os homens que conduzem o Movimento, cumprindo o papel de ornamento ou de educadoras das novas gerações, que têm acesso ao conhecimento para transmitir aos futuros líderes do Movimento. (DUTRA, 2002, p.107)

¹⁶ Ciranda Cultural de Prendas é a denominação geral dos concursos que elegem as Prendas regionais e/ou do estado.

Então, apesar da representação feminina que encontramos nas Prendas de faixa, ainda assim é um protagonismo que se limita de acordo com valores e princípios fundamentados em uma cultura gaúcha retrógrada e enrijecida. Corroborando, a Diretora de Comunicação nos conta sua preocupação com esses discursos que acentuam e intensificam preconceitos e que são envolvidos em uma significação valorativa.

Sou prenda de faixa, na esperança de que o meu pensamento e as minhas atitudes inspirem as prendas que serão minhas sucessoras a entenderem o posto e a responsabilidade que o ocupam e que não escolham [...] isso para promoção pessoal.

Este trecho diz respeito ao questionamento feito sobre os motivos da Prenda 2 estar atuante neste cargo. Seguindo pela Prenda 1 que quer conscientizar e levar sua voz a mais lugares, promovendo espaços de questionamentos sobre o tradicionalismo, a fim de fortalece-lo.

As causas de assumir seus cargos atuais são os mais diversos. A Patroa 1 deu início a função através da escola onde era diretora, por onde conseguiu dar vida a um Departamento Cultural Estudantil. Outras questionados tomaram posse pelas circunstâncias do momento, por acreditarem ser a hora certa ou pelo prazer em competir. A Patroa 4 queria trazer de volta os jovens que estavam afastados de volta para o CTG, e estava com dificuldade em encontrar alguém para assumir a patronagem, então incumbiu-se do cargo. Em circunstância parecida, a Patroa 5 assumiu a atual função após a desistência do Patrão, então, ela como vice- patroa, ascendeu na hierarquia da entidade. A Instrutora 2 conta que está atuante por amar nossa cultura, nossas raízes e por poder passar meus conhecimentos às novas gerações, apoiando a ideia da Diretora Cultural 2 que acha “importante passar o que aprendemos para novas gerações” e por isso está à frente do departamento. A Secretária faz jus ao cargo por se considerar - e ser considerada - responsável e muito organizada. Ainda temos aquelas que estão ocupando o espaço porque conseguem contribuir através de suas experiências (tradicionalistas, a nível de escolaridade e/ou pessoais), como é o caso da Diretora de Comunicação e a Diretora Cultural 2. Esta última ressalta que em sua entidade não há nenhuma pessoa que possa substituí-la e desempenhar tal função, visto que ela é estuda, pesquisa e desenvolve ações culturais a muitos anos, bem como possui cursos de capacitação e formação.

Todos precisamos de referências para nos fortalecer durante a caminhada, sobre tais inspirações no Movimento, 7 citaram diretamente nomes de mulheres, as demais tem em suas inspirações o amor pelos cavalos, o pai ou alguém da família, o grupo dos 8¹⁷, Paixão Côrtes; ou então trouxeram de forma mais abrangente inspirações como dançarinos ou crianças e jovens que motivam a seguir adelante. Por sua vez, a Prenda 1 compartilha que não costuma carregar muito esse conceito no sentido de espelho, com receio da sabotagem de se prender em algum padrão, mas ainda assim se inspira nas pessoas que compartilham vivências para com ela e que a confiam o direito de escuta. Importante salientar que apenas uma pessoa se autocitou como referência inspiradora. Assim, deixamos o questionamento em aberto para os leitores: será que alguma tradicionalista citou outra(s) participante(s) deste questionário? Será que há uma rede de apoio entre as mulheres nesse espaço cultural?

As percepções de fatores pessoais subjetivos acarretam por influenciar julgamentos em relação ao meio e de si. Assim, mediante análise das questões, dentre os aspectos desfavoráveis aos seus cargos, 5 participantes não tiveram ou não lembram de terem algum elemento dificultador durante suas atividades. Entretanto, as demais elencam que ainda nos deparamos com julgamentos, opressões e críticas, e ainda a Instrutora 2 nos lembra do desafio anual que tens em ensinar alunos que nunca haviam participado da dança gaúcha. O machismo foi citado como adversidade sentida pela Competidora. Concebemos o machismo nas objetividades e subjetividades; é um modo entranhado de se pensar/sentir/agir, que, segundo Tiburi (2019) privilegia os ‘machos’ enquanto subestima os demais. Assim, conseguimos entender quando a Diretora Cultural 1 quando nos atenta sobre sentir um pré-julgamento no âmbito campeiro, principalmente quando ninguém a conhece e ela inicia os ensinamentos das provas de rédeas, encilhas, aos peões. É perceptível, segundo ela, os olhares de dúvidas sobre o seu conhecimento, visto que é uma lida tomada pelos saberes masculinos.

A jovialidade entre os tradicionalistas também é parte do incômodo, como traz a Patroa 5 “a resistência é muito grande para aceitarem decisões e ideias de uma

¹⁷ João Carlos Paixão Côrtes, Antônio João Sá de Siqueira, Cilço Campos, Cyro Dias da Costa, Cyro Dutra Ferreira, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira e Orlando Jorge Degrázia, grupo de homens que saiu pilchado pelas ruas de Porto Alegre, em 5 de setembro de 1947, em uma homenagem registrada como marco inicial de todo o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

mulher e nova ainda no tradicionalismo”. Inclusive também conseguimos detectar uma certa falta de empatia e sororidade a partir do relato da Patroa 4, que início da gestão não teve o apoio das mulheres de seu CTG, precisando mostrar a sua capacidade de gerenciar e chefiar para que elas, ao menos, aceitassem ter uma conduzente feminina na entidade.

A mudança que as tradicionalistas com a visão menos enraizada, mais atuante e contemporânea trouxeram ao Movimento, ainda que pequena é sinalizadora, e acaba assustando, ainda, alguns sujeitos mais focados naquela tradição enrijecida. Então, ainda enfrentamos “o medo que a opinião externa recaia em represálias contra a entidade, no caso das ações que não seguem o ‘padrão’ retrógrado ditado pelo Movimento”, como aborda a Diretora de Comunicação. É aquela velha hierarquia de que o homem é a voz da ação, do poder, assim, entendemos a fala da Diretora Cultural 2:

Foi preciso mudar aos poucos, atingir alguns êxitos para que começassem a perceber minhas propostas como válidas. É preciso explicar, argumentar, lutar, conquistar um caso de sucesso e ai sim, adquirir apoio para a mudança.

É necessário, a todo o tempo, mostrar serviço, mostrar que merecemos ocupar o espaço. Questionamentos que não acontecem quando um homem está no comando, mesmo que ele tenha menos conhecimento para preencher o cargo.

A partir da análise acima, parece que mesmo nos aspectos favoráveis, estão imbricados, ainda que subentendido, muita luta e perseverança. Todavia, apesar de todos empecilhos, a Patroa 3 acredita que formar a patronagem com membros da juventude, ter visão (ampla para a entidade e também de mundo), organização, metas, ações, ser uma boa ouvinte, agregar a todos; sejam maneiras de driblar essas muralhas impostas pela sociedade tradicionalista. Ainda em concepções promissoras, mais intimista, a Prenda 1 nos conta que é facilitador ter crescido em uma família com referências de mulheres independentes e cheias de si, ter condições financeiras para sustentar sua participação atuante no Movimento, ter uma rede de apoio que a sustenta na fragilidade, que é o estribo nos momentos felizes e também nas horas difíceis. Somado a isso, ainda revela o que acreditamos ser um dos nortes mais importantes: “Estar em uma entidade em que sou ouvida e respeitada de forma igualitária”, pois como relata a Diretora Cultural 1, sempre que expõe alguma opinião procura explaná-la com argumentos para que esta seja bem interpretada e aceita. Há

também as tradicionalistas que, destacam suas aptidões e formações acadêmicas como caminho auxiliador. A diversidade de categorias nas provas campeiras é algo que a Competidora vê como promissor, fala que abrange a opinião da Secretária “hoje há várias mulheres atuando no mundo dos rodeios, onde a mulher faça com igualdade”. A Secretária segue relatando que teve a oportunidade de conviver com muitos patrões e peões de outras entidades que sempre demonstraram o maior respeito pela figura feminina, e que isso fez com que ela acreditasse na igualdade de gêneros no tradicionalismo gaúcho.

“Os homens produziram discursos, apagaram os textos das mulheres” (TIBURI, 2019, p 48) e demorou muito tempo para que elas tivessem (e entendessem o seu) espaço, seu lugar de fala, seu direito de argumentação e a validação do mesmo, o direito de história e memória; como comenta a Instrutora 2:

Não esqueçamos que o machismo e preconceito também estão enraizado nas mulheres no momento em que ela se considera incapaz de contribuir com ações decisões, opiniões e principalmente com seu trabalho.

A Diretora Cultural 1 também faz um atento de que não podemos ver o Movimento passar e não agirmos, precisamos, de uma vez por todas, fazer parte dele e inserir nossos conceitos, ideias e ideais. Assim, a Diretora de Comunicação acredita ser “necessário insistir no caminho da pluralidade para que possamos atuar no meio de forma mais fidedigna à sociedade e à própria história”.

As reflexões propostas nessa pesquisa nos atenta a pensar, de uma vez por todas, que as histórias importam. E além, que as muitas histórias das mulheres importam! As mulheres tradicionalistas aqui questionadas humanizam e empoderam outras tantas que levam nossa cultura adiante. E a pesquisa é um convite sempre aberto ao diálogo e a luta!

5. CONCLUSÃO

Eu gostaria de terminar com esta ideia: quando rejeitamos a história única, quando percebemos que nunca existe uma história única sobre lugar nenhum, reavemos uma espécie de paraíso. (ADICHIE, 2019, p. 33)

A história não pode ser apagada mas pode ser escrita de forma diferente daqui pra frente. Escrever, em todo o contexto, sempre encontrou-se em relação com o

poder. Nos povos ancestrais, os únicos que detinham e dominavam o conhecimento da escrita eram os escribas, então, era insignificante o número de indivíduos que poderiam decidir, de fato, o que seria ou não registrado. Lembrado isso, hoje, com o poder 'da caneta na mão', se permanecermos a escrever histórias com a visão masculina e/ou somente o lado dos homens, é inevitável continuarmos tendo-os no domínio, na dianteira.

As mulheres mudaram a sociedade e dispuseram suas colaborações para todos os âmbitos; interagiram, contrariaram, pleitearam e alteraram pontos de vistas através de seus comportamentos, posicionamentos e atuações. Observa-se que os progressos também aconteceram no Movimento Gaúcho, analisando a participação feminina neste e no Estado que tem culturalmente a predominância do homem.

Se as mulheres confiarem em si mesmas e umas nas outras, o sistema sustentado na diferença hierárquica entre homens e mulheres e na estúpida desconfiança sobre a potência das mulheres pode ruir (TIBURI, 2019, p. 40)

É fácil percebermos que a mulher tradicionalista concebeu uma evolução, sendo mola propulsora de seus próprios ideias, transformando as barreiras em estratégias. Trago este crescente de que a luta por espaços é contínua, com as eleições a presidência do Movimento Tradicionalista em 2019, ano que primordialmente duas mulheres concorriam ao cargo máximo. Termos uma presidente feminina no MTG, é mais um passo para darmos representatividade e encorajamento a tantas mulheres com vozes negligenciadas, impronunciáveis por muito tempo, dentro e fora do tradicionalismo gaúcho.

Encarar este tema foi desafiador, pois agitou o contexto em que a autora está inserida a muito tempo e que é tradicionalmente imbricado por tantas credices e intolerâncias que precisam ser repudiadas. Provocador e desconfortável, as indagações a deslocaram ao mesmo passo as questionadas, visto que, perceberam, de vez, o machismo estrutural nas ações diárias e entenderam que, muitas vezes, mesmo sem querer, participavam da invisibilidade a qual foram condenadas. Assim, entenderam que também devem ser parte das soluções.

Encontramos barreiras na pesquisa, como por exemplo ser um assunto polêmico, pois mexe naturalmente com questões nem sempre pensadas e notadas pelas tradicionalistas; ter uma literatura rara e quando se trata de mulheres ser escassa ainda. Entretanto, essas dificuldades se tornaram menores quando as

questionadas, em sua grande maioria da roda de amigos da autora, se dispuseram a participar de forma grandiosa e respeitosa, também enviando materiais que dispunham em suas bibliotecas.

Outro ponto a ser ressaltado é que 19 mulheres foram contatadas, 1 não retornou e outras 4 acabaram por não responder o questionário, muito talvez pela relação entre os marcadores de opressão e o meio tradicionalista, e receio de mexer com os jogos de poder que isso tudo está envolvido. Acreditamos nisso também pelo fato da maioria das questionadas se certificarem, muitas vezes, sobre o anonimato da pesquisa. Compreendemos que tudo que foi indagado movimentava sentimentos e sensações para com as tradições, costumes e hábitos, porém, ressaltamos a importância das interpelações feitas para refletirmos situações que atravessam as vivências das mulheres em sociedades patriarcais como a do Rio Grande do Sul.

Foi direcionado por essas tradicionalistas, as que tiveram apreensão em responder o questionário e as que generosamente aceitaram participar do mapeamento, que a autora pode ponderar, de outras maneiras, seu olhar enquanto estudante, professora, dançarina, e acima de tudo como mulher. E assim refletir o quanto é valioso (para ela, para as tradicionalistas de sua família, para suas alunas, suas companheiras de palco, colegas de profissão, quem tem medo de se adentrar no tema, para quem busca novos diálogos, para todos os sujeitos femininos desse espaço estudado) problematizar sobre esse assunto.

A pesquisa é, portanto, para que mulheres (re)conheçam os obstáculos político-pessoais e sociais, identifiquem-se nos entraves de outras mulheres, percebam suas potências, e mais: que homens saibam, entendam e ajudem a transformar essas opressões em movimentos mais empáticos e igualitários. Encontramos neste trabalho uma versão atualizada da mulher enquanto tradicionalista, porém percepção essa nem portanto estática, certa, exclusiva e indubitável. Este é um processo que não está estancado, muito pelo contrário, é ininterrupto e está em aceleração: finalmente as mulheres do Rio Grande do Sul, do Brasil e do mundo estão escrevendo suas histórias!

REFERÊNCIAS

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. (org.). **Estudos interdisciplinares de representação social**. 2ª ed. Goiânia: AB, p. 27-38, 2000.

ADELMAN, M. **A voz e a escuta**: Encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea. São Paulo: Blucher, 2016.

ADICHE, C. N. **O PERIGO DE UMA HISTÓRIA ÚNICA**. Tradução Julia Romeu. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALVES, B. M.; PITANGUY, J. **O que é feminismo**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à Educação**. Revista Múltiplas Leituras, v.1, n, 1, p. 18-43, 2008.

ARAÚJO, C.; SCALON, C. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ____ (orgs). **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

BATLIWALA, S. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena. **Poder y empoderamiento das mujeres**. TM Editores, Santa Fe de Bogotá, 1997

BERTH, J. **O que é empoderamento?** Belo Horizonte: Letramento, 2018

BIROLI, F. **Gênero e Desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRITES, J; PICANÇO, F. **O emprego doméstico no Brasil em números, tensões e contradições: alguns achados de pesquisas**. Revista Latino-americana de estudos do trabalho, ano 19, nº 31, 2014, p. 131-158.

COUTINHO, M. P. L. **Depressão infantil e representação social**. 2ª ed. João Pessoa: Universitária UFPB, 2005.

DUTRA, C. F. **A Prenda no imaginário tradicionalista**. 2002. 136f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

FREITAS, M. E. **Contexto social: o mundo do trabalho, a família e os eternos adolescentes**. RAE light, São Paulo: FGV, v.5, n. dois, p.2-6, Abr./jun., 1998

FLORES, H. A. H.; FRIGERI, R.; RETAMOZO, A. C.; RIBEIRO, N. P.; RUDIGER, F. R.; SILVEIRA, M. D. **A mulher na Revolução Farroupilha**. Porto Alegre: Editora Tchê, 1985.

GALVÃO, W. N. A propósito da donzela guerreira. In: ÜSSEHIND, F.; DIAS, T.; AZEVEDO, C. (orgs.) **Vozes femininas: gêneros, mediações e práticas da escrita**. Rio de Janeiro: 7letras: Fundação Casa Rui Barbosa, 2003

GEERTZ, C. **Interpretação das Culturas**. Antropologia Social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

GiMENEZ, F. **Guerreiras da Paz**. LP 7ª Seara da Canção Gaúcha. Lado B, faixa 6. 1987.

HALL, S. **Identidade cultural e diáspora**. In: Revista do patrimônio histórico e artístico nacional, Brasília: n. 4, 1996, p. 68-75.

IBGE. **Censo Demográfico 2010 - Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 03 de junho de 2020.

JOVCHELOVITCH, S. **Representações sociais e esfera pública: a construção simbólica dos espaços públicos no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

LAGARDE, M. **Cautiverios de las mujeres: madresposas, monjas, putas, presas y locas**. México: UNAM, 1993.

LESSA, L. C. B. **Crônicas do Passado Presente**. Porto alegre: Nova Prova, 2002.

LOURO, G. L. **Prendas e anti-prendas: uma escola de mulheres**. Ed. Da Universidade, Porto Alegre, UFRGS, 1987.

LOPES, D. B. A importância da pesquisa exploratória na processualidade teórico-metodológica da investigação em comunicação. In: MALDONADO (orgs.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática investigativa**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

MACIEL, M. E. **A Memória Tradicionalista: Os Fundadores**. Trabalho apresentado no XXIII Encontro Anual do ANPOCS, Caxambu, 1994.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da metodologia científica**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

MARINUCCI, R. **Feminization of migration?** Revista REHMU. Brasília, vol. 15, nº 29, 2007. p. 5-22. Disponível em: <www.csem.org.br > Acesso em: 10 de agosto de 2020.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2003

NÓBREGA, S. M.; COUTINHO, M. P. L. O teste de associação de palavras. In: MARIA DA PENHA DE LIMA Coutinho et. al. **Representações sociais: abordagem interdisciplinar**. (67-77). João Pessoa: Editora Universitária, 2003

OLIVEIRA-CRUZ, M. C. B. F. **Dona de casa e da própria vida? Leituras sobre o trabalho feminino na publicidade por mulheres da nova classe trabalhadora**. Orientadora: Veneza Veloso Mayora Ronsini. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, RS, 2016.

OLIVEN, R. G. **A Parte e o Todo: A diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2006.

- PAIXÃO, D. R. **A Prenda Tradicionalista**. Santa Maria, 1995.
- PEDRO, J. M. **Mulheres do Sul**. In: PRIORE, Mary Del. História das Mulheres no Brasil. 7ed. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- PESAVENTO, S. J. **Gaúcho: mito e história**. Porto Alegre, v. 24, n. 03, Letras de Hoje, 1989.
- RIBEIRO, N. P. **Heroínas da Resistência Gaúcha**. IN: O papel da mulher na Revolução Farroupilha. Porto Alegre: Editora Tchê, 1985.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre: ERUS, 1987.
- SANT'ANA, E. **A Mulher na Guerra dos farrapos**. Curitiba: Instituto Memória, 2009.
- _____. **O folclore da mulher gaúcha**. Porto Alegre: AGE, 2018.
- SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.
- SARDENBERG, M. B. C. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista**. 2006. 12 f. Artigo – NEIM/UFBA, Bahia, 2006.
- SCOTT, J. W. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade. Vol. 20 (2), jul/dez. 1995.
- SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- SEVERO, A. **Bem Gaúcha**. 2019. Álbum: Bem Gaúcha. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nFPQrsB9GWs>. Acesso em: 05 jan. 2021.
- SILVA, M. C. B.; CIRNE, P. R. F. **A evolução histórica da mulher gaúcha: na sociedade gaúcha, na revolução farroupilha e inserção no tradicionalismo (origem do vestido de prenda)**. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 2013.
- SOIHET, R. **Breve História do Feminismo no Brasil e outros ensaios**. São Paulo: Editora Alameda, 2017.
- TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ATRAVÉS DO GOOGLE FORMS

QUESTIONÁRIO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ESTUDOS DE GÊNERO/UFMS- BRUNA DE BRAGAS FREITAS

Este questionário é de participação voluntária e de identidade confidencial, tendo o seu uso para fins exclusivamente acadêmicos

Faixa etária:

20-29

30-39

40-49

50-59

60 ou mais

Qual sua raça/cor?

branca

preta

parda

amarela

indígena

Você tem trabalho remunerado?

Sim

Não

Qual sua formação escolar?

Ensino Fundamental incompleto

Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto

Ensino Médio completo

Superior incompleto

Superior completo

Pós-graduação incompleta

Pós-graduação completa

Caso possua formação acadêmica, cite qual/quais:

Sua resposta _____

Estado Civil:

- Solteira
- Casada
- Divorciada
- Separada

Tem filhos?

- Sim
- Não

Se respondeu SIM: quantos?

- de 1 a 2
- 3 ou mais

Numa visão geral, como você vê a situação das mulheres na desigualdade de gênero?

Sua resposta _____

Em algum momento em sua função, você já foi questionada pelo simples fato de ser mulher?

Sua resposta _____

Quais são as três primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você ouve a palavra "mulher"?

Sua resposta _____

Quais são as três primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você ouve a palavra "empoderamento"?

Sua resposta _____

Quais são as três primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você ouve a palavra "tradicionalismo"?

Sua resposta _____

Quais suas funções já desempenhou no Movimento?

- Patroa
- Instrutora
- Avaliadora
- Prenda de faixa
- Outro: _____

Qual sua atual função Movimento?

- Patroa
- Instrutora
- Avaliadora
- Prenda de faixa
- Outro: _____

Você foi a primeira mulher a ocupar esta função neste CTG?

- Sim
- Não

Porque você assumiu este atual posto no tradicionalismo?

Sua resposta _____

Alguma mulher na sua família ou em seu círculo de amizade, já atuou em algum cargo no tradicionalismo?

Sua resposta _____

Sua atividade no CTG é remunerada?

- Sim
- Não

Como você vê a mulher no tradicionalismo?

Sua resposta _____

Quem são suas inspirações no Movimento?

Sua resposta _____

Você acredita que o Movimento valoriza as diversidades quanto a questão de gênero?

- Sim
- Não

Poderia citar aspectos ou elementos que em sua opinião foram ou são favoráveis ao exercício da função?

Sua resposta _____

Você se deparou ou se depar a com algum tipo de dificuldade ou elemento que dificultou sua atuação enquanto?

Na sua opinião, a mulher possui uma representatividade expressiva no movimento?

Sim

Não

Quais são as três primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você ouve o termo "mulher no tradicionalismo"?

Sua resposta _____

Utilize este espaço para considerações que acha importantes e que não foram levantadas nas questões anteriores.

Sua resposta _____

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.